

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Flavia Aparecida dos Santos Amaral Mendes

MEMORIAL: VIDA, LUTAS E CONQUISTAS

Taubaté – SP
2019

Flavia Aparecida dos Santos Amaral Mendes

MEMORIAL: VIDA, LUTAS E CONQUISTAS

Memorial apresentado para obtenção do
Certificado de Graduação pelo Curso de
Pedagogia do Departamento Pedagogia
Área de concentração: Educação
Orientador: Prof. Me. Silvio dos Santos

**Taubaté – SP
2019**

SIBi - Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU

M538m Mendes, Flavia Aparecida dos Santos Amaral
Memorial: vida, lutas e conquistas / Flavia Aparecida dos
Santos Amaral Mendes. -- 2019.
43 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia. Orientação: Prof. Me. Silvio dos
Santos, Instituto Básico de Humanidades.

1. Memorial. 2. Autobiografia. 3. Educação - I. Título

CDD – 370

FLAVIA APARECIDA DOS SANTOS AMARAL MENDES

Memorial: vida, lutas e conquistas

Memorial apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté

Área de concentração: Educação

Data:

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Silvio dos Santos

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Ms. Odila Amélia Veiga França

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Ms. Armindo Boll

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me capacitou e durante minha jornada acadêmica, colocou tantas pessoas boas no meu caminho.

À professora Odila Amélia Veiga França, por sua doçura ao instruir; por se fazer presente nas horas mais necessárias e pelo seu lindo gesto de acolher, incentivar e torcer por seus alunos. Serei eternamente grata.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, Francisco e Margarida, que mesmo privados do direito de concluir seus estudos, sempre acreditaram e me mostraram que a educação é a única porta para uma vida melhor, não só para mim, como para todo cidadão.

Agradeço grandemente aos meus filhos Thiago e Davi, que embora tenham nascidos durante meu processo de formação educacional, me serviram de incentivo, me dando força e coragem.

Ao meu esposo Eder, por sempre me apoiar e proferir palavras de animo, diante de situações difíceis que enfrentei, assim como, quando o cansaço e desânimo surgiam. Bem como, pela compreensão das muitas ausências, centrada nos meus estudos e compromissos acadêmicos.

Agradeço ao meu orientador Silvio dos Santos por me acompanhar durante esse processo e me permitir concluir com êxito este Memorial.

Agradeço ao Professor Me. Armindo Boll, que tanto contribuiu para que de certa forma, eu encontrasse o caminho para acessar minhas memórias, já esquecidas. Pois antes me encontrava perdida, considerando minhas experiências nada significativas. O senhor me possibilitou ter outro olhar para minha história de vida.

Aos membros da banca examinadora, pela dedicação, acolhimento e assistência que me prestaram durante todo meu percurso durante a realização deste Memorial.

Agradeço a todos os professores do curso de Pedagogia da Universidade Sumaré e da Universidade de Taubaté, pois todos um dia e de certa forma, sonharam comigo, fazendo com que meus pés se juntassem às asas que me permitiam ter quando muito me ensinaram.

À todos meu muito Obrigada!

Todos fizemos e fazemos algo na vida, todos somos “alguém”, alguém que é quem é porque lembra de certas coisas e não de outras. Cada um de nós é quem, é porque tem suas próprias memórias (de fragmentos de memórias).

(Iván Izquierdo)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DESENVOLVIMENTO	10
2.1 Minha Infância	10
2.2 Educação Básica	17
2.3 De volta à sala de aula	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Por que tecer com o coração e a mente, um memorial de vida e formação?

Tomar essa decisão não foi algo que eu tivesse pensado desde o início do curso de graduação em Pedagogia. Alimentava a ilusória ideia de que fazer uma monografia era mais empolgante e significativo do ponto de vista acadêmico. Contudo, por acaso me vi sendo orientada a fazer um memorial, orientação que inicialmente considerei um tanto quanto decepcionante. Mas com o tempo e com auxílio de alguns professores do curso, consegui vislumbrar o potencial e o ganho educacional ao construir este memorial de vida e formação.

Ao reconstruirmos nossa memória estamos ao mesmo tempo modificando o presente e alterando o futuro. Por essa razão o trabalho com a memória amplia nosso horizonte de possibilidades, pois ela nos mobiliza e gera novas ações (GUEDES, 2013, p. 2).

Ainda, segundo Souza (2006), a escrita de um memorial possibilita ao autor um reconhecimento profundo de si e torna-se uma atividade formadora, durante seu processo de construção, quando o mesmo questiona seus ideais e aprende, a partir de diferentes modalidades de registro, que faz referente às suas experiências vividas.

Como podemos atestar a seguir:

O cotidiano é, sobremaneira, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e que falamos, pelas formas como contamos as histórias vividas. Daí a emergência e a utilização, cada vez mais crescente, das autobiografias e das biografias educativas em contextos de pesquisas na área educacional. A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos (SOUZA, 2006, p. 136).

Ainda, conforme ressalta Godoy (2012),

A vivência de fatos com alta carga emocional faz com que os mesmos permaneçam para sempre na memória. São os chamados fatos marcantes na vida de uma pessoa que, mesmo ocorrendo uma única vez, não são jamais esquecidos [...] (GODY, 2012, p. 6).

Dessa maneira compreende-se o motivo que na mesma família nem todos se lembram dos mesmos fatos, porque cada um a seu modo, de diversas maneiras, possui um olhar diferente sobre as circunstâncias vividas.

A formação do sujeito se dá pelas experiências ao longo da vida, pelas relações interpessoais, sociais, que favorece nas vivências coletivas que vão alterando os espaços e a si mesmo, de acordo com cada fase vivida.

Sobre isso, Pitano (2007), assim se expressa:

O sujeito social é fruto de um caminho de aprendizagem e superação de estágios de consciência. Um caminho jamais linear e, menos ainda, predeterminado. É movimento humano na história de suas relações cada vez mais conscientes com os outros e com o que ocorre no mundo (PITANO, 2017, p. 88).

Na mesma perspectiva, Prado e Soligo (2005), dizem que além dos ganhos individuais da escrita reflexiva, essa escrita passa a ser cada vez mais valorizada no meio acadêmico, podendo servir de base para a formação de todos, pois quando professores tornam públicos seus textos, esse ato se torna objeto de outras pesquisas e oferece subsídios para outros profissionais adquirirem novas ideias e novos conhecimentos.

Erdmann (2016) ressalta a importância de docentes escreverem e publicarem seus textos com base em experiências vividas, por ser fundamental para evolução da carreira profissional, como instrumento de auxílio e apoio a outros colegas de profissão. O autor também defende que o surgimento de tecnologias tem corroborado para a socialização dessas produções, já que vivemos em tempos acelerados, e que os sistemas de informação e comunicação estão mais acessíveis para todos.

Para o autor,

O perfil de formação, competências e atuação de nossos docentes universitários vem mudando, significativamente, nos últimos anos. É parte de seu trabalho ser o agente produtor ou gerador de novos conhecimentos científicos e desenvolvimento de tecnologias ou de experimentos que só podem ser conhecidas se forem publicadas (ERDMANN, 2016, p. 2).

O memorial nos faz entender que a ciência sem a valorização daquilo que vai à alma da pessoa; daquilo que lhe entrava o crescimento, não reconhece os valores

que lhes são subjacentes e as raízes que lhe dão vitalidade; aquilo que não lhe ajuda a liberar as amarras da ignorância e do desconhecimento da realidade em que vive, é só ciência em si mesma e de nada ou pouco serve para lhe impulsionar a busca de sua autorrealização.

Neste Memorial tentei explicitar os caminhos que tracei até chegar à decisão de escolha pela área acadêmica no Curso de Pedagogia e tornar público como o curso pode contribuir para a construção de minha identidade pessoal e profissional.

Neste trabalho voltei-me para mim mesma, para a dor que doía e para o prazer que me envolvia naqueles tempos tão duros, em meio a tanta falta e a tudo que me afligia na minha jornada pessoal.

Antes do memorial eu não tive tempo e nem espaço, na escola de outrora, para experimentar tudo isso.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Minha infância

Meus pais se conheceram em São Paulo, cidade que ambos escolheram para viverem e trabalharem, fugindo assim da seca e da falta de oportunidade que a região do Nordeste do país sofria na década de 1980. Para Martine (1993); Cano e Semeghini, (1992), a década citada, foi marcada por grandes mudanças socioeconômicas e políticas.

Mesmo durante a fase de declínio na economia, ainda assim São Paulo era terra de oportunidades para pessoas que procuravam melhores qualidades de vida na cidade grande. São muitos os fatores que tornam-se atrativos para que alguém queira migrar do lugar de origem para outra região ou até mesmo outro país. Na década de 1980 o dado mais relevante destacado por estudiosos do assunto, diz respeito à renda per capita no Nordeste, ser inferior quando comparada a outros lugares do país.

Como atestam Justo e Silveira Neto (2008),

[...] os diferenciais de renda entre as localidades (estados, regiões ou países) têm papel de destaque nos estudos de migração. [...] todos os estados nordestinos, individualmente, nos três períodos analisados, apresentaram renda média abaixo da nacional (JUSTO; SILVEIRA NETO, 2008, p. 432).

Dessa forma, tendo pouco estudo, meu pai trabalhou a vida toda em construção civil e minha mãe como faxineira. Saíam de madrugada e voltavam à noite, enfrentando muitas lutas e sacrifícios para dar-me uma vida diferente daquela que ambos tiveram quando crianças.

Desde a década de 1930 as migrações de nordestinos para a região sudeste do Brasil foram muito intensas, sofrendo diminuição por volta de 1980, situação esta que favoreceu o surgimento de bairros e comunidades nos extremos das grandes capitais.

Perillo (1996) relata o surgimento das zonas periféricas,

No Estado de São Paulo, verificou-se que a área metropolitana, notadamente a capital paulista, que se consolidavam como os grandes pólos de atração e concentração da população nacional, passaram a se caracterizar como áreas de evasão de população nos anos 80. Outro aspecto marcante da reorganização espacial paulista foi o rápido crescimento dos municípios periféricos. Esse processo de "periferização" generalizou-se no país [...] (PERILLO, 1996, p. 82).

Minha família se enquadrava nos índices sociais das periferias do estado de São Paulo, distantes do centro, em moradias clandestinas, sem infraestrutura e servindo de mão de obra necessária para o desenvolvimento econômico da cidade.

Eu nasci em 30 de março de 1987, em São Paulo, no bairro de Jabaquara. Com pouco mais de um ano de idade, meus pais se mudaram para a Cidade de Tiradentes, um bairro novo, que surgia na periferia da cidade. Nesse período, minha irmã caçula já havia nascido.

Essa fase foi muito difícil para meus pais. Minha mãe teve que se ausentar do trabalho para cuidar de nós duas, pois éramos muito pequenas e não havia creches. Não tinha rede de esgoto, asfalto, iluminação pública, postos de saúde nem hospitais. O ponto de ônibus mais próximo ficava aproximadamente a dez minutos de caminhada, entre outros milhares de problemas ocasionados pela infraestrutura deficitária.

Cresci no extremo leste de São Paulo, região de minha meninice e conhecida por ser o distrito com o maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina, construído pela Companhia Metropolitana da Cidade de São Paulo (COHAB), a qual fica distante cerca de duas horas de ônibus do centro da cidade. Situação esta que contribuía para penosas jornadas de viagens de idas e vindas do trabalho, a qual meus pais por anos vivenciaram.

Naquela época a Cidade Tiradentes estava em grande expansão, programas do Governo Federal e Estaduais entregavam apartamentos e casas populares para pessoas de baixa renda, sem contar com uma vasta área que serviu de invasão para milhares de famílias. Então quem novo ali chegava, logo avisava seus amigos e parentes e rapidamente era formada uma vila.

A segregação urbana, também conhecida como segregação socioespacial, é o que melhor exemplifica as condições de vida que eu e minha família vivenciamos na Capital Paulista. De modo involuntário, derivado da falta de estudos e baixos salários, os bairros mais afastados do centro, eram a única opção de moradia para a

nossa família, agravada com a falta de infraestrutura daqueles espaços tão segregados.

Villaça (2011) aponta a segregação no espaço urbano

No caso das metrópoles brasileiras, a segregação urbana tem uma outra característica, condizente com nossa desigualdade: o enorme desnível que existe entre o espaço urbano dos mais ricos e o dos mais pobres. (VILLAÇA, 2011, p. 37).

Para Hughes (2004), a ausência do Estado foi determinante para a urbanização periférica, de modo que as periferias recebiam um tratamento diferenciado das localidades mais nobres, com uma “ausência histórica” de investimentos e políticas públicas e conseqüentemente, com um forte índice de repressão social.

Apesar das dificuldades financeiras, tive uma infância muito feliz. Como se pode ver, cresci num ambiente rico em diversidade cultural, com vizinhos também vindos de diferentes localidades do país e, com o passar do tempo, os nossos parentes também vieram morar em São Paulo. As festas significavam os momentos que eu mais gostava, pois sempre eram com músicas e comidas típicas da região dos meus pais e dos meus vizinhos.

Assim se formou o bairro onde morei por 25 anos. Constituído por famílias quase que inteiras de migrantes de diversas regiões como Minas Gerais, Bahia, Ceará, Piauí, entre outros estados brasileiros. Pessoas que deixaram seus rincões de origem para buscar melhores condições de vida, alguns fugindo da falta de recursos que, supostamente, acreditavam estarem mais acessíveis para os moradores das grandes capitais.

Minha família esteve sempre presente em todos os eventos da minha infância, desde as brincadeiras com meus primos, de pega-pega, esconde-esconde, o mestre mandou, pular corda, de roda, casinha, escolinha. Assim também era nos almoços de domingo, aniversários, casamentos, datas comemorativas, como Páscoa, Dia das Mães, Natal, com a presença dos tios, primos e avós que sempre vinham até São Paulo visitar seus filhos e netos. Ter a família sempre por perto era algo muito bom e satisfatório.

A exemplo do que escreve Szymanski (2004, p. 7) “É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito.”

A cultura é qualquer produto da ação humana, objeto, ideias, normas, crenças e todos somos produtores de cultura. O exemplo disto é quando passamos a não repetir as ações de nossos pais em determinados assuntos. Essa resistência acaba mudando alguns hábitos, que com o passar do tempo nasce um novo modo de fazer ou viver certas situações, como foi no caso da minha infância.

Posso afirmar que tive uma infância diferente da qual, meus pais tiveram. Antes não se pensava que a criança devesse viver um período voltado a cuidados e brincadeiras, sem grandes responsabilidades, a criança era a representação em forma de homem em miniatura. Embora houvesse dificuldades financeiras, tivemos bons brinquedos, alguns até importados, como presente que patroas da minha mãe traziam das viagens, diferente dos meus pais, ao relatarem que seus brinquedos eram bonecas feitas de pano ou sabugo de milho e carrinhos de madeira, utilizados quando não estavam trabalhando na roça, ou nos afazeres diários de quem levava uma vida do campo.

Época muito importante para nossa família eram as festas de São João. Meus pais, em conjunto com os parentes e vizinhos, todos os anos realizavam uma grande festa, com fogueiras, bandeirinhas, comidas típicas, quadrilhas ensaiadas rigorosamente aos fins de semana.

Os moradores se mobilizavam e decoravam a festa; as mulheres faziam os remendos nas roupas dos homens, colavam bandeirinhas nas ruas, e os homens construía as barraquinhas e buscavam madeira para fogueira e bambus para a decoração, enquanto as crianças brincavam na rua, na certeza de experimentar o prazer de se sentirem felizes.

A festa corria solta a noite toda. Primeiro era a dança das crianças e meu pai era o gritador (a pessoa que direcionava os dançarinos). Mais tarde a dança dos adultos, que se realizava após o casamento “arranjado” dos noivos. E nisso morava o encanto e os significados da cultura viva daquele povo humilde! Foram muitos anos participando daquelas festas que floriram de sorrisos a minha infância e juventude.

Também retratadas aqui por Moura Junior (2013):

Os festejos juninos são tradicionais da região Nordeste do Brasil. Surgiram como celebrações em homenagem a santos católicos, a saber: São Pedro, Santo Antônio e São João. Trata-se de festas coloridas e alegres, que remetem ao modo de vida das pessoas do interior. Contam com brincadeiras de pular fogueira, decoração específica, montada como balões e bandeirinhas, comidas nordestinas, sendo muitas delas à base de milho –o período das comemorações, nos meses de junho, coincide com a colheita do milho. Há também o ritmo característico da região, o forró, e um tipo de dança que tem influência francesa, mas que é emblemática da festa junina: a quadrilha (MOURA JUNIOR, 2013, p. 115).

As tradições nordestinas sempre foram seguidas pela minha família e vizinhos e apesar de ter ido poucas vezes à terra natal dos meus pais, trago comigo muitos conhecimentos e influências, além de um carinho enorme que nutro por aquela cultura regional, até hoje sustento com orgulho e sentimento de pertença.

Mas as lembranças que tenho dessa época da minha vida, nem sempre foram só de coisas boas e prazerosas. Era preciso, em meio à infância, ser maduro prematuramente, para ficar em casa sozinha enquanto meus pais trabalhavam, confiando nos vizinhos que sempre ficavam incumbidos do papel de verificar e cuidar de mim e da minha irmã menor, assim como da nossa casa.

Na década de 1980 a violência urbana crescia na cidade São Paulo, não como fenômeno social isolado e típico daquela localidade, mas algo que estava emergindo no Brasil. Trata-se de situações cada vez mais corriqueiras que se instalavam nas grandes metrópoles, assim também como em outros países onde começavam a se fazer notar os seus efeitos.

Para Adorno, (2002):

Os conflitos sociais tornaram-se mais acentuados. Neste contexto, a sociedade brasileira vem conhecendo crescimento das taxas de violência nas suas mais distintas modalidades: crime comum, violência fatal conectada com o crime organizado, graves violações de direitos humanos, explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas. Em especial, a emergência do narcotráfico, promovendo a desorganização das formas tradicionais de socialidade entre as classes populares urbanas, estimulando o medo das classes médias e altas e enfraquecendo a capacidade do poder público em aplicar lei e ordem, tem grande parte de sua responsabilidade na construção do cenário de insegurança coletiva (ADORNO, 2002, p. 87-88).

Como se vê, a violência e a falta de segurança eram os maiores obstáculos que enfrentávamos, pois era comum aparecer alguém morto a tiros ou a facadas, nas esquinas ou nos córregos, principalmente nos finais de semana. O policiamento

efetivo era escasso e, quando com ele contávamos, os guardiões da ordem eram reconhecidos, pela maioria da população, como responsáveis por diversos casos de execuções de seres humanos.

Lopes (2003) aponta para a escalada da violência. Para o autor,

[...] o Brasil é o campeão mundial absoluto em número de homicídios, com uma pessoa morta a cada 12 minutos, ou um total de 45 mil por ano. Com 3% da população mundial, o Brasil responde por 13% dos assassinatos. Em 20 anos, a taxa de homicídios cresceu 230% em São Paulo e no Rio de Janeiro (LOPES, 2003, p. 2).

Durante muitos anos, quando a maior parte dos moradores saía à procura de empregos não mencionava o verdadeiro endereço por vergonha e, principalmente, por sofrer preconceito, uma vez que advinham de região conhecida pela extrema violência, o que os faziam nomear outros bairros, cujos índices de criminalidade se mostravam menos assustadores.

Essa mesma fase da minha infância, também foi marcada pelas conquistas dos meus pais, que conseguiram empregar seus salários para terminar a construção da casa onde morávamos. Meu pai trabalhava em casa nos finais de semana, e quase sempre, minha irmã e eu o ajudava com pequenos baldes a carregar areia, pedra e blocos. Era feito um cômodo por vez, melhorias aqui, mudanças de planos ali, um mês comprava uma porta e janela, no outro, cimento, no outro, o piso e assim foi tomando forma a casa onde cresci.

Como já mencionei, a vila onde morávamos não tinha pavimentação. Eram, os próprios moradores que davam um jeito de melhorar o aspecto e o acesso dos carros e caminhões. Nos finais de semana os homens juntavam-se e faziam um concreto para passar em frente das casas com o intuito de diminuir a lama. Certa vez improvisaram uma rede de esgoto, e disso me lembro que cavaram bastante fundo e substituíram do meio da rua, tambores já corroídos pelo tempo, por dutos de concretos, os quais, não me recordo como adquiriram, mas creio ter sido comprado por meio de rateio pelos moradores ou ganhado de alguém em alguma obra em que trabalhava. Do odor que impregnou o ar naquele fim de semana eu jamais esquecerei.

A maioria dos homens trabalhava em construções civis, e as mulheres como empregadas domésticas. Sempre um ajudando o outro com indicação de serviço e trazendo algum familiar com emprego arranjado. Ajudar amigos e parentes, recém-

chegados do Nordeste era algo muito comum para minha família e vizinhos. Grande parte trazia roupas simples em suas bagagens. Como na região do nordeste faz calor na maior parte do ano, estes não vinham preparados para o inverno da Cidade de São Paulo, então dependiam da doação de roupas e sapatos, tanto os adultos como as crianças.

Em Marinelli (2007), busco amparo para dizer da luta ferrenha do meu povo em prol de melhores condições de vida:

As razões que movimentam pessoas em busca de uma vida melhor, para si e os seus, levam a mudanças por vezes radicais, trazendo a incerteza dos resultados das atitudes e condutas, principalmente quando não há o mínimo de planejamento. Daí o dilema do nordestino: ou fica em sua terra esperando ser reconhecido como agricultor ou assalariado ou sai do sertão carregando o saco de “coisas”, usando como cadeado um nó e parte em busca do Eldorado (MARINELLI, 2007, p. 6).

Muitos chegavam de viagem no sábado e, na segunda já iniciavam no novo emprego, sem fazerem ideia do que encontrariam pela frente. Quase sempre iam para o emprego para passarem a semana toda, retornando aos finais de semana para casa de parentes, até conseguirem dinheiro suficiente para comprarem uma “casinha” ou pagarem seus próprios aluguéis.

Ainda, segundo Marinelli (2007):

[...] podemos entender que um importante objeto de referência para o nordestino migrante é o trabalho, e este passa a ser uma das principais atividades a atribuir sentido a sua vida e a lhe possibilitar algum grau de emancipação (MARINELLI, 2007, p. 11).

Muitos migrantes não conseguiam se adaptar, e depois de alguns meses retornavam aos lugares de onde vieram, pois sentiam a vida muito difícil, a qual resumia-se em trabalhar o tempo todo. As folgas ocorriam de quinze em quinze dias. Moravam em alojamentos ou em quartinhos minúsculos nos arranha-céus luxuosos no centro da capital paulistana. Outra situação corriqueira era a de enviar dinheiro para algum familiar no Nordeste, como por exemplo, para o pai, mãe, irmãos, esposa ou filhos, ou de mandar roupas, sapatos, material escolar, remédios e até eletroeletrônicos, ou seja, tudo o que o custo fosse mais barato em São Paulo.

Era fácil notar a satisfação que a maioria sentia em conquistar um emprego, poder comprar suas próprias coisas, conquistar algo, que por muito tempo, foi um

sonho distante. Assim cresci, vendo a alegria dos meus pais, vizinhos e parentes, ao conseguirem o asfalto para o bairro, nomes para as ruas (e não apenas números), luz e água regularizadas, bem como, a conquista do primeiro carro ou a realização da viagem de férias.

Era a luta por um lugar ao sol, os sonhos simples almejados há tanto tempo... e a esperança de poder realizá-los um a um pelo trabalho digno e de oferecer aos teus o básico para a sobrevivência com honradez e gratidão.

2.2 Educação Básica

Penso que o presente nos escraviza. Resistimos a voltar nosso olhar para o passado e por isso, também, não nos projetamos de forma livre para o futuro. Somos restritos no modo pelo qual pensamos, entretanto, quando ativamos a memória descobrimos mais as sementes do futuro do que os marcos do passado.

Neste sentido, reinventamos sempre com base no já conhecido; ideias novas são releituras, reelaboração de ideias pré-existentes e nesse sentido, a memória é fonte inestimável de conhecimento. A conexão entre o hoje e o amanhã carece da recuperação do ontem, do nosso legado vivido forte e inovador e, portanto, não posto de esquecimento.

A experiência escolar favorece para a criança a ampliação da leitura de mundo, pois permite o convívio em um novo ambiente, como também, relações com outras crianças e adultos, que não pertencem ao grupo familiar. As instituições de Educação Infantil oferecem um aprendizado formal e estruturado, que se principiou na família e se entende por meio das suas experiências na sociedade. Muitos entendem que a criança chega à escola como uma tabula rasa, ou seja, desprovida de qualquer conhecimento social.

Gomes (1993) se pronuncia da seguinte forma, sobre isso:

[...] conforme vimos, no que se refere à educação escolar, ela se realiza em continuidade à educação familiar. Relevemos isto: longe de se iniciar, como parecem supor teóricos e demais profissionais da Educação, com o princípio da vida escolar, a educação da criança começa na família. [...] Até o homem comum, o leigo, o sabe: a Escola continua a tarefa familiar de educar a criança para a vida e, especialmente, para o trabalho (GOMES, 1993, p. 87).

Iniciei meus estudos na Educação infantil, na antiga pré-escola, com 6 anos de idade, na Escola Municipal de Educação Infantil “Samuel Wainer”, criada em 13 de junho de 1988, situada em São Paulo, ainda em exercício hoje.

Lembro-me das manhãs frias e do percurso que fazia a pé, eram intermináveis 15 minutos até chegar ao meu destino. Não havia transporte escolar para as crianças do meu bairro e apesar da caminhada durar aproximadamente uns 15 minutos, a distância era considerada curta, para uma criança de seis anos.

Em períodos de chuva era difícil manter a frequência ou chegar limpo à escola. Minha mãe me acompanhava até a entrada e, na saída, alguma vizinha quando buscava seu filho me acompanhava de volta para casa, já que minha mãe se encontrava no trabalho naquele período do dia.

A lembrança mais marcante que trago na memória, é do horário da entrada, quando todas as crianças eram reunidas no pátio da escola e sentadas em filas, cantavam músicas infantis até que tocassem o sinal, o que indicava o momento da professora levar sua turma de alunos, para a respectiva sala de aula.

A música na Educação Infantil possui característica predominante nas escolas brasileiras, assim como serve para muitos outros propósitos pedagógicos, todavia acaba sendo utilizada de uma forma mecânica e, conseqüentemente pouco explorada no ambiente escolar, sobretudo nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio.

De acordo com Gohn (2010) entender os propósitos que envolvem trabalhar com música na Educação Infantil e possibilitar essa experiência ao educando, garante o fazer musical no ambiente escolar, por se tratar de prática carregada de experiências marcantes e significativas. Assim como hoje existem diferentes meios e possibilidades para se trabalhar música no cotidiano escolar, devem ser pensadas para conter propósitos específicos, a fim de promover o desenvolvimento integral do educando.

É Gohn, (2010) quem nos orienta,

Embora a música já seja reconhecida como fundamental na formação do educando e necessária dentro dos currículos, na Educação Infantil ainda há muito que fazer para que esta prática deixe de ser utilizada apenas como suporte para aquisição de conhecimento (GOHN, 2010, p. 91).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) retrata de modo contundente a importância da música em ambientes escolares. A música é um conteúdo pouco explorado e de maneira incorreta, ou seja, integrar a linguagem musical no contexto educacional é uma das maiores dificuldades encontradas pelos professores. Devido à falta de preparo, professores recorrem às metodologias direcionadas para atividades de reprodução e imitação, ao invés de processos criativos musicais.

A música no ambiente escolar deve estar interligada às áreas de conhecimento, tida como, a partir de produção, apreciação e reflexão. Para compreender a música como linguagem e instrumento educacional, esses três pontos devem ser trabalhados e levados em consideração. Para tratar de produção é necessário centrar na experimentação, improvisação e na composição; em relação à apreciação é preciso percepção e capacidade de observação e reconhecimento; já se tratando de reflexão, é recomendado tratar de questões relacionadas à organização, criação, produto e produtores musicais.

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (BRASIL, 1998, p. 47).

A sala de aula como ficou registrada na minha memória era um ambiente bastante colorido, com mesas redondas, outras quadradas, possibilitando que as crianças se sentassem juntas; desenhos pendurados em varais e o típico alfabeto sobre a lousa. Ali se estabeleciam as relações de amizade entre os alunos de respeito e subordinação à professora.

Estudos mostram que a criança necessita de espaço para interagir e se desenvolver integralmente, processo este que começa no meio familiar, mas quando é chegada a idade escolar, novos espaços e regras farão parte da vida da criança, que precisa adequar-se para construir novas relações, novos saberes e novos conhecimentos a começar pelo conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo.

De acordo com Horn (2004), cabe ao professor atento, dar maior importância à disposição dos elementos materiais de uma sala de aula e a maneira pela qual as crianças e os adultos interagem com os mesmos, pois os espaços nas instituições

de educação infantil revelam uma determinada concepção pedagógica, tendo como suporte fundamental diversas correntes da psicologia.

Barbosa e Horn (2001) pesquisam a organização do espaço na escola infantil e afirmam:

Também compartilhamos da ideia de que o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida de que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Inicialmente as crianças têm as suas percepções centradas no corpo; concomitante com seu desenvolvimento corporal, sua percepção começa a descentrar-se e estabelecer as fronteiras do eu e do não eu. Conseqüentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante as crianças aprenderem a lidar com isso. Ao pensarmos no espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos (BARBOSA; HORN, 2001, p. 73).

O Referencial Nacional Curricular de Educação Infantil (1998) redireciona o pensar na maneira como se dispõem, assim como, na adequação dos materiais, brinquedos e mobiliários nos espaços físicos da escola de Educação Infantil é, portanto, importantíssimo em um projeto educativo. Esses elementos devem ser vistos como ativos no processo educacional que deliberam a ideia de educação assumida pela escola.

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. Deve ser pensado e rearranjado, considerando as diferentes necessidades de cada faixa etária, assim como os diferentes projetos e atividades que estão sendo desenvolvidos (BRASIL, 1998, p. 69).

Naquele tempo, entretanto, as atividades eram quase sempre pintar com giz de cera, fazer bolinhas de papel crepom, recortar e colar em caderno e folhas de sulfite mimeografadas, com aquele cheiro de álcool marcante e inconfundível, no qual muitas gerações que conheceram o mimeógrafo consegue recordar. Como até nos nossos dias atuais, as datas comemorativas eram sempre lembradas, como o “Dia dos Pais”, das “Mães”, do “Índio”, “Dia do folclore”, “Dia da Independência do

Brasil”, “Natal”; etc. Nessas datas toda a escola era decorada, do portão de entrada à secretaria, corredores, pátio e salas de aulas.

Como disse a escola sempre inclui no seu calendário as datas comemorativas, sendo elas de caráter civil, religioso e cultural. Recentemente algumas datas estão deixando de compor o calendário escolar, por questões de mudanças culturais, como por exemplo, o Dias das Mães e dos Pais, passando para o “Dia de quem Cuida de Mim”, devido às mudanças ocorridas na formação da família, constituída tradicionalmente pela figura do pai e da mãe. Hoje há famílias em que a mãe, é mãe e pai, ou avós ou tios são os responsáveis por suprir esse papel, ou são casais homo afetivos com dois pais, ou duas mães, há inúmeras situações, que as datas comemorativas referentes às celebrações mencionadas, acabam por gerar desconforto e constrangimentos para as crianças. Até hoje essas datas servem mais ao utilitarismo sendo, mais exploradas pela mídia e pelo comércio, que propriamente voltadas aos significados políticos pedagógicos que têm.

A autonomia escolar é parte fundamental nesse processo, pois fica a critério de cada unidade escolar definir como serão trabalhadas as atividades de acordo com o calendário escolar. Observa-se que quase sempre as escolas não oferecem planejamento prévio que sistematize a aprendizagem dos educandos. Grande parte dos alunos não sabe o motivo pelo qual realizam determinadas atividades que lhes são impostas.

Em Saviani, (2005) encontramos exemplo ímpar dessa prática sem justificativa teórica-conceitual:

Exemplo disso são as comemorações nas escolas, que se espalhavam por todo o ano letivo, às quais agora se associam, ou a elas são acrescidos, os denominados temas transversais, como educação ambiental, educação sexual, educação para o trânsito etc.(...) Dessa forma, reservo para o termo currículo as atividades essenciais que a escola não pode deixar de desenvolver, sob pena de se descaracterizar, de perder a sua especificidade. As demais atividades, tais como as comemorações antes mencionadas, não sendo essenciais, definem-se extracurriculares. Nessa condição, elas só fazem sentido quando enriquecem as atividades curriculares, não devendo, em hipótese alguma, prejudicá-las ou substituí-las (SAVIANI, 2005, p. 102).

O espaço que mais gostava era do parquinho, composto por brinquedos diversos e colorido, como escorregador, gangorra, gira-gira, balança, tanque de

área, entre outros. Quando chovia e não era possível ir brincar no parquinho as brincadeiras aconteciam no pátio do prezinho e constavam de pular corda, galo que canta, entre outras brincadeiras cantadas.

A criança na idade pré-escolar encontra-se na fase de desenvolvimento das habilidades motoras básicas, movimenta-se com maior autonomia, e executam movimentos como correr e pular, típicos desse período importante da infância.

As brincadeiras além de trabalhar a motricidade, vão muito além, pois, segundo Vygotsky (1998), o brinquedo favorece a criação de uma zona de desenvolvimento proximal na criança, sendo esta a distância entre o nível atual de desenvolvimento para o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, num determinado momento a criança não consegue desempenhar suas funções sozinhas, requerendo auxílio de um adulto, mas essa ação logo é superada pela criança, num momento em geral bem próximo e de acordo com seu amadurecimento.

O teórico supracitado afirma que os episódios imaginários decorrentes de qualquer brincadeira estão carregados de normas de comportamento, com isso, pode-se constatar que não existe brinquedo sem regras, mesmo essas regras não sendo estabelecidas *a priori*. Há exemplo que ilustra esse fato, a criança ao brincar de professora, reproduz as regras da sociedade, em relação ao papel assumido. As ações praticadas sempre serão espelhadas nas regras existentes na sociedade e nos avanços adquiridos pela criança, a qual depende das motivações e incentivos; em outras palavras, o que é interessante para uma criança bem pequena, já não o é para uma criança maior.

Com 7 anos comecei meus estudos no ensino fundamental, na Escola Estadual “Jorge Luiz Borges”, na cidade de São Paulo. A unidade escolar era enorme se comparada à pré-escola. Possuía uma quadra de esportes, tinha a casa da inspetora, cujo filho era aluno matriculado na minha sala; estacionamento; entre outros ambientes e espaços. Era um prédio de dois andares ocupando um quarteirão inteiro, até hoje em exercício.

A escola era a mais próxima da minha residência e toda vizinhança estudava lá. Eu continuava indo a pé para a escola, em grupos de crianças, acompanhados por uma das mães que não trabalhava fora do lar. Após adquirir mais idade passei a ir com minha irmã mais nova, sem nenhuma companhia de adultos.

Lembro-me da felicidade quando minha mãe comprou meu material escolar e arrumou minha bolsa com o estojo, lápis de cor, caderno, lancheira, tudo encapado, etiquetado com meu nome. Era uma mistura de sensações, ansiedade para começar logo as aulas, e saber se minhas amigas do prezinho também estariam lá e o típico “friozinho na barriga”, em virtude do medo da nova escola, de não conseguir aprender, entre outros anseios.

As dependências da escola eram pintadas de cores mais frias, menos coloridas e não havia espaço e tempo para cantigas e parquinhos. Na sala de aula as carteiras eram individuais e postas em fileiras, forma que se estabeleceu por todo o ensino regular e até hoje na universidade.

A Educação Infantil possui mecanismos que preparam as crianças para situações que ofertarão e aperfeiçoarão na escola de Ensino Fundamental. Como por exemplo, atividades motoras finas, movimentos de pinças, entre outras; entretanto a criança não sabe a realidade que encontrará nesse novo ambiente, e nem recebe informação que ambos os ambientes são distintos, nos modos da rotina e de sua forma de aprender.

[...] é prioridade que instituições de educação infantil e ensino fundamental incluam no currículo estratégias de transição entre as duas etapas da educação básica que contribuam para assegurar que na educação infantil se produzam nas crianças o desejo de aprender, a confiança nas próprias possibilidades de se desenvolver de modo saudável, prazeroso, competente e que, no ensino fundamental, crianças e adultos (professores e gestores) leiam e escrevam. Ambas as etapas e estratégias de transição devem favorecer a aquisição/construção de conhecimento e a criação e imaginação de crianças e adultos (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p. 80).

Pode-se compreender através da citação acima que é primordial haver estratégias de transição a fim de garantir uma melhor adaptação da criança no novo contexto educacional de sua iniciação. Contudo, essas práticas ainda se mostram irrisórias nos anos iniciais da Educação Infantil.

Em seguida, na segunda série passei por muitos problemas de saúde, motivando ausências as aulas por muitos dias e até meses. Isso acabou resultando em uma reprovação por excesso de faltas. Lembro-me que durante essa fase, quando eu retornava para a escola depois de longos períodos de afastamento, sentia-me como se fosse o primeiro dia de aula, não sabia os conteúdos; sentia-me perdida, ficava a aula inteira sempre calada e não vendo a hora de voltar para casa.

Não sentia vontade de ir para a escola, pois sempre que eu começava a criar vínculos e acompanhar a turma, adoecia novamente.

São poucas as recordações que guardo do período de alfabetização, momento tão importante na vida de uma criança. Porém, mantenho pequena lembrança do método da cartilha, que por meio das letras em ordem alfabética e das sílabas, consegui entender e com isso tive facilidade em ler e resolver as atividades propostas do livro e nos exercícios dados pela professora em sala de aula. Em alguns momentos, adiantava o conteúdo da cartilha em casa, pois achava fácil, por serem parecidos os exercícios de um capítulo para o outro.

O conceito de alfabetização não diz respeito a uma única habilidade, mas a um conjunto de habilidades, que se caracterizam por sua variedade e complexidade. E torna o indivíduo capaz de codificar com propriedade os códigos para ler e escrever. Por meio da alfabetização, a escrita e o seu uso social asseguram ao educando seu lugar na sociedade. A autora também discute o surgimento do termo letramento, que apesar de parecer distinto de alfabetizar são interligados e inseparáveis (SOARES, 2000).

Vejamos a seguir:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2000, p. 14).

Àquela época (até os nossos dias) mantinha-se o entendimento de que ler e escrever era meramente a codificação e a decodificação da escrita. Os professores se valiam do processo de alfabetização restringindo-se ao ensino do código escrito, sendo a cartilha o centro desse processo. Na década de 1990, o letramento surge como necessidade emergente no ambiente escolar, pondo em xeque os métodos até então existentes, como o da cartilha, por exemplo.

O método da cartilha tido como tradicional, não proporcionava um ambiente de letramento, com textos e livros reflexivos, impressos ou digitais, favorecendo a cultura letrada. Quando se ensina primeiro as letras, depois os sons, para posteriormente a compreensão do texto, está partindo de um método, pois quando se faz separação em ler e dar sentido, a junção depois torna-se mais difícil.

Para Soares (2000) Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Para a autora cuidados precisam ser tomados na hora de alfabetizar, pois ler e escrever torna-se insuficientes quando não garantem a compreensão do ato de ler e escrever nas esferas sociais, sendo indispensável distinguir alfabetizar e estabelecer a distinção de letrar.

Após passar para o terceiro ano do ensino fundamental, tudo se normalizou. Já havia conquistado novas amizades, sentindo-me pertencente à escola, conhecia os professores e gostava bastante da “minha escola”. Participava de campeonatos de danças, leituras e esportes, nos quais ganhei medalhas. Minhas notas eram boas, não tive problemas de comportamento, além do excesso de conversa durante as aulas, sendo essa a reclamação que sempre minha mãe ouvia em praticamente todas as reuniões, mas nunca atrapalhando meu desenvolvimento e aprendizagem.

As matérias de que eu mais gostava eram Ciências, História e Geografia, sendo Matemática a grande vilã durante todo o meu processo de escolarização. Por mais que eu me esforçasse não conseguia melhorar, não conseguia ver sentido na maioria das coisas ensinadas e depois de algum tempo me conformei que em matemática eu jamais conseguiria bons resultados ou tiraria um dez. Atualmente meu ponto de vista, em relação à Matemática mudou consideravelmente, após cursar a disciplina de Metodologia do Ensino de Matemática, na Universidade.

À hora do recreio e as aulas de Educação Física eram os momentos mais divertidos e prazerosos que se podia contar no Ensino Fundamental. O recreio acontecia no pátio da escola, brincávamos de pega-pega, pular corda. Alimentar-se era a menor das preocupações. Já nas aulas de Educação Física, embora o professor seguir o planejamento da aula, esta tinha um caráter mais leve, descontraído, totalmente diferente da sala, que tinha mais rigidez e obrigações a cumprir.

Por não ter podido frequentar os bancos escolares e concluir seu processo de escolarização, é que minha mãe fazia o possível para garantir a mim e a minha

irmã tudo do bom e do melhor, principalmente em se tratando dos estudos, comprando os melhores materiais escolares, os livros, almanaques e enciclopédias que eram vendidos de porta em porta. Trazia do serviço tudo que fosse útil para meus estudos; revistas, jornais, apostilas usadas pelos filhos dos patrões e, até mesmo, livros encontrados na lixeira do prédio em que trabalhava.

Os livros encontrados no lixo me foram muito úteis, pois tratava de uma enciclopédia de 20 volumes, que me serviram para fazer muitos trabalhos escolares, já que naquele tempo, computador e acesso à internet era exclusividade para classes abastadas.

A falta de computador se fez presente por todo o ensino fundamental, com isso frequentava a biblioteca pública de Guaianases, inaugurada como “Biblioteca Infantil de Guaianases”, atualmente chamada “Biblioteca Pública Municipal Cora Coralina”, para as leituras e pesquisas necessárias para a elaboração dos trabalhos escolares. As visitas eram frequentes e prazerosas, pois eu aproveitava a oportunidade para tomar livros emprestados, romances, suspenses, entre outros tantos. Aproveitava para estar com as colegas de classe quando se tratava de trabalhos em grupo.

A escola tinha um ensino muito bom e por muitos anos foi reconhecida pelos moradores da Cidade de Tiradentes como uma ótima escola, contudo essa imagem não permaneceu por muito tempo. A violência do bairro refletia na escola e vice-versa; alunos cometiam constantes atos de vandalismo, muitas brigas, que começavam dentro da escola e terminavam pelas ruas dos bairros, nas quais se envolviam outras pessoas avolumando a violência. As dependências externas da escola eram acessadas por qualquer pessoa, porquanto era comum passarem pessoas desconhecidas nas janelas das salas de aula e às vezes os próprios alunos quando tinham aulas vagas. A quadra de esporte quase sempre era usada por jovens, nem sempre alunos da escola. Estes ficavam na arquibancada conversando, ou a usava como pista de skate, em meio às aulas de Educação Física. Foi se estabelecendo um clima agressivo, pesado e assustador, além de pouco seguro. Muitos pais se sentiram inseguros, e mesmo os professores e gestores, e transferiam os seus filhos para outras unidades escolares, à procura de maior segurança.

Em meio às crianças que os pais mantinham na escola e faziam o possível para torná-las bons cidadãos, restaram aquelas marginalizadas que, por diversas

circunstâncias perversas do ponto de vista da desigualdade social, que não conseguiam perseverar nos estudos e abandonavam a escola. De acordo Gomes (1993) as instituições escolares não mantem uma relação próxima com sua vizinhança, ou com os moradores do bairro, resultando na instabilidade da segurança local.

Vemos a seguir essa ideia na reprodução de sua fala,

A escola não só não conhece, e desconhece, a população a que atende, como a população que a circunda. Em geral, ela se localiza no bairro, mas não pertence a ele. Os altos muros, os portões, as grades e os cadeados revelam a distância Escola-habitantes do bairro. Justifica-se o isolamento a partir das ameaças de pessoas estranhas ao bairro, e até de malfeitores nele existentes (GOMES, 1993, p. 90).

Ainda, segundo Sposito (1998) na década de 1980, o habitual era a violência escolar ser atribuída a pessoas externas à escola, como ex-alunos, moradores locais, que praticavam atos de vandalismo nos períodos em que a escola se encontrava fechada, sobretudo nos finais de semana.

As depredações e os atos de vandalismo seriam uma das modalidades mais frequentes que caracterizariam a violência propriamente escolar. De acordo com as notícias e as informações dos órgãos públicos, as agressões atingiam a escola nos fins de semana, períodos em que existia certa ociosidade dos prédios. Essa situação era recortada por uma interpretação cotidiana: o protagonista da violência é sempre o outro, aquele que não faz parte da “comunidade” escolar. Os atos de vandalismo eram atribuídos à conduta de uma minoria delinquente, que habitava o bairro, mas estava fora da escola (SPOSITO, 1998, p. 66).

Movimentos contrários começam a partir da década de 1990, em que a violência se eleva para outros patamares e deixa de ser pertinente a grupos externos passando para os próprios alunos.

Dentro daquele mesmo período foi preciso que eu criasse mecanismos de defesa pessoal, pois eram constantes as brigas dentro da escola, ocasionadas por motivos muitas vezes fúteis, como olhar fixamente para uma pessoa, ou sorrir de determinada situação e/ou acontecimento. Andar em grupos de amigas e fazer-se amigo de todos era a melhor maneira de se proteger dessas situações constrangedoras senão, ameaçadoras.

A falta de motivação dos professores, sobretudo os que atuam em escolas públicas de periferias é assunto bastante recorrente na literatura, principalmente em

escolas com índices de violência, ineficiência da gestão escolar, má formação de professores, entre outros pontos que corroboram para o descaso com a educação. Esse ambiente de insegurança termina por interferir, de forma negativa nas atividades pedagógicas.

Como atestam Mariano e Muniz (2006):

A dinâmica escolar, conforme vem se apresentando, tem afetado diretamente a execução da atividade docente, proporcionando um movimento de tensões em sua prática cotidiana. Este quadro torna-se ainda mais agravado quando acoplado a outras dificuldades e empecilhos para a efetivação da prática docente, e o que é mais grave, o somatório de tudo isso contribui para o processo de sofrimento dos professores. Dentre as dificuldades e pressões vivenciadas como propiciadoras de tensão existentes no trabalho das docentes, chamamos atenção para as seguintes: sobrecarga de trabalho, ausência de material e recursos didáticos (condições de trabalho), clientela assistida (superlotação), não reconhecimento da parte do aluno e desvalorização do magistério (MARIANO; MUNIZ; 2006, p. 81).

Diante desse novo cenário, a qualidade de ensino decaiu de forma considerável. Ouvia-se dos professores frases depreciativas, como por exemplo, que eles receberiam seus salários com os alunos aprendendo ou não, frases estas que passaram a ocupar lugar comum na escola. Apesar de haver frequentado oito anos, naquela mesma escola, estudado com a mesma turma, ainda assim, o desejo de mudar, falou mais alto. Meus pais imediatamente cuidaram de minha transferência para outro colégio, localizado em um bairro mais afastado.

No final do mês de março de 2002, já cursando a 8º série do Ensino Fundamental II, mudei-me para a Escola Estadual “Cidade de Hiroshima”, situada no bairro do Parque do Carmo, SP, zona leste, muito embora esta escola não localizada tão distante da anterior, já era possível sentir o efeito da mudança. A escola em questão nomeia-se “Cidade de Hiroshima”, nome este, em homenagem as 256 mil vítimas da bomba atômica, lançada durante a segunda guerra mundial sobre o Japão, pelos Estados Unidos. A construção do prédio pela vista aérea forma um “H”, simbolizando a primeira letra de Hiroshima. Foi construída em 1969, pela comunidade japonesa localizada em São Paulo, que vivia do cultivo de pêssegos. A referida escola tem em seu currículo a implantação da cultura e das tradições japonesas.

O espaço interno chamou-me a minha atenção pela extensão física e pelo fato de haver câmeras de monitoramento nos corredores. Era algo muito moderno

frente à realidade que até então, eu conhecia. As salas de aula não tinham nenhum contraste em termos de arranjo dos móveis, se comparadas à minha antiga sala. As mesas dispostas em fileiras, contendo um quadro negro e a mesa do professor. Tudo religiosamente igual em termos de cenário e organização do espaço/tempo. Entretanto, a organização e a conservação das dependências da escola eram de saltar aos olhos, tudo pintado e aparentando pintura recente, sem pichações e/ou sinais de mau uso.

Estudar em uma escola na qual tudo remetia à ideia de valor, de importância e de relevância por estar nela matriculada, era uma conquista ímpar, frente à demanda por vagas. Logo, a dedicação aos estudos era muito maior que na escola anterior, um ambiente sem grandes atrativos. Sair de casa vestindo o uniforme escolar, adentrar ao ônibus para ir à escola me era muito gratificante. Trazia-me a sensação de estar realizando algo muito maior se comparado ao tempo em que eu saía de casa para ir à escola do meu bairro.

Vale destacar a ausência de aulas vagas. Praticamente era raro acontecer de alguma turma ser liberada por falta de professor. Ao contrário da antiga escola, onde o mais improvável era ter todas as aulas acumuladas no mesmo dia. Outra novidade era a de que cada aluno possuía seu próprio livro e o fato de poder levá-lo para casa ao final de cada aula. Diferente do que eu já estava acostumada a ouvir, ou seja, o livro não poderia ficar em poder do aluno, pois ele não saberia cuidar; o perderia, rasgaria e no próximo ano letivo, não haveria livros suficientes para todos. Lembro-me de ter recebido inúmeros livros, novinhos, realidade àquela que me deixou maravilhada!

Nessa escola, a maior dificuldade que enfrentei foi a de acompanhar os conteúdos curriculares, pois não eram os mesmos que eu vinha estudando na antiga escola. Houve uma ruptura da aprendizagem significativa. Sentia-me mal dentro da sala de aula, pois não compreendia nada do que os professores falavam conseqüentemente, minhas notas caíram bastante naquele ano.

A postura dos professores também era diferente, não brincavam em serviço, aulas sempre com bastante conteúdos, avaliações mais complexas, por muitas vezes me sentia incapaz de alcançar bons resultados, chegando a pensar se fiz bem em ter mudado de escola, devido ao grau de exigência dos professores, de modo geral. As relações com os professores nunca ultrapassaram os limites da sala de

aula, restando poucas lembranças afetivas, mantinham sempre uma postura profissional.

Estudar numa escola, localizada num bairro de classe média, não era muito confortável, para alguém que vinha de uma realidade tão controversa. Por muitas vezes vivi situações preconceituosas por morar no bairro da Cidade de Tiradentes, assim como por não ter dinheiro para comprar todos os dias lanche na cantina, ou ainda não me apresentar calçando tênis da moda, por exemplo. O número de alunos que vinha de outros bairros, até mesmo municípios vizinhos, era considerável. O ponto de ônibus era sempre referência de novos encontros e possíveis amizades.

Hoje caracterizado como “bullying”, encontro semelhanças com experiências vividas naquela época. Situações aquelas as quais escondia dos meus pais, que se esforçavam muito para conseguir comprar o vale transporte para que eu e minha irmã frequentássemos uma escola de reconhecida qualidade e de boa reputação.

De acordo Silva (2009), a palavra bullying, pode se dizer, é considerada uma palavra nova. Entretanto, permeia os espaços escolares há muito tempo, de forma direta e indireta, causando desde a exclusão social à evasão escolar da vítima. As consequências geradas pelo bullying podem agravar problemas pré-existentes, como gerar transtornos psíquicos e/ou comportamentais as quais perpassam a fase escolar e acompanham o indivíduo até a vida adulta, acarretando muitas dificuldades no seu processo de socialização, por exemplo.

Felizmente, naquela escola, os educandos mantinham bom comportamento dentro de sala de aula, assim como respeito aos professores e funcionários, mantendo comprometimento com as atividades curriculares. Eram isolados os casos de má conduta, assim como alunos com número excessivo de faltas ou dificuldades de aprendizagem.

Os anos se passaram e eu consegui encontrar meu espaço naquele sistema educacional, sem reprovação ou recuperação. Entretanto no 3º colegial engravidei e, por condições adversas foi preciso interromper os estudos naquele momento. Após o nascimento de meu filho, retornei à escola. Desta vez, na Educação para Jovens e Adultos (EJA) para então, prosseguir e concluir meus estudos no ensino regular.

A experiência que tive como estudante da EJA foi totalmente diferente da turma de ensino regular. Os alunos eram mais velhos, a grande maioria vinha do trabalho, eram casados, tinham filhos e propósitos voltados para a melhor qualificação no mercado de trabalho. Em alguns casos os alunos eram repetentes,

poucos eram os que iam para a escola apenas buscando conhecimento. Por trás da procura pelos estudos havia a ideia de um possível lugar no mercado de trabalho. Os conteúdos das disciplinas eram trabalhados de modo mais didático, os professores tentavam manter relações mais próximas dos alunos.

É Piconez (2013) quem ilumina essa realidade:

Pensar as características dos estudantes de EJA supõe reflexões mais profundas devido às transformações que ocorrem na sociedade. As mudanças refletem-se na escola, que impõe novos modos de aprender e de ensinar. Não podem ser esquecidos os critérios e princípios que podem orientar os docentes na direção de uma prática reflexiva, interdisciplinar e contextualizada para esta população (PICONEZ, 2013, p. 10).

Uma das características dos alunos da EJA, diz respeito ao lugar que ocupam na sociedade, ou seja, o lugar das classes mais oprimidas, com profundas desigualdades de oportunidades. À primeira vista são trabalhadores para, então serem alunos.

Talvez de todo o período que estudei nessa escola, foi o momento que melhor me relacionei com os professores e alunos, situação esta facilitadora do meu processo de aprendizagem não acarretando dificuldades para que eu concluísse os estudos.

Terminei a 3ª Série do Ensino Médio de Jovens e Adultos no 1º semestre do ano de 2006, com 19 anos e ainda era possível pensar em ingressar-me em uma universidade naquele momento. Assim encerrei meu percurso no ensino regular, estudante de escola pública, iniciada no extremo leste de São Paulo, migrando para um bairro um pouco melhor, com condições mais humanas.

2.3 De volta à sala de aula

Muito tempo se passou e a vontade de frequentar uma Universidade se fazia mais presente a cada ano, seja pelas exigências do mercado de trabalho ou o fato de querer aprender algo específico, como ter uma profissão formal. Venho de uma época que era comum ouvir dizer que quando alguém conseguia frequentar um curso de graduação era por intermédio da ajuda de custo dos familiares ou por

recursos financeiros acumulados ao longo de muitos anos em uma conta poupança. Essa realidade eu não vivi, não podia contar com ajuda da família, que já me assistiam de outras formas, e não dispunha de nenhum recurso financeiro acumulado para esse propósito.

Recorrer à Universidade Federal era algo inimaginável naquela época. Sabendo-me egresso da escola pública essas chances diminuía drasticamente. Com isso, só era possível começar por uma faculdade privada, porém a realidade financeira não me permitia naquelas conjunturas realizar esse sonho em minha vida.

Com o passar dos anos, pessoas de baixa renda passaram a cursar universidade, cujo índice era cada vez maior. Cursos com mensalidades mais acessíveis, programas do governo que facilitavam o pagamento e bolsas de estudos ofertadas. Nesse novo cenário, pensar em cursar uma universidade passou a ser um sonho com grande potencial para ser realizado.

A vontade de realizar um curso acadêmico dormitava esperançosa no meu íntimo, mas tomar a decisão de qual curso fazer, não o era. Além das dúvidas de qual área cursar, também tinha a escolha da universidade a ser pensada. Com a demanda cada vez maior, o número de faculdades particulares cresceu por todo país.

Ferreira (2014) vem explanar essa realidade de forma mais consistente,

[...] houve a implantação de programas de financiamento direto aos estudantes da rede privada com a criação de bolsas de estudos, como foi o caso do Programa Universidade Para Todos – ProUni criado em 2004. Medidas desta natureza tornaram evidente a ideia de que a educação superior deixava de ser predominantemente um direito social para se transformar, também, em mercadoria. A partir de então, se instalava um ambiente de forte privatização do sistema de educação superior com o surgimento de diversos incentivos legais que proporcionaram a expressiva expansão de IES privadas (FERREIRA, 2014, p. 46).

Embora no Brasil o fator socioeconômico seja o responsável pelo acesso, permanência e evasão dos estudantes universitários, ainda sim, o número de matrículas em cursos superiores e em universidades particulares, aumentou consideravelmente nos últimos anos. Esses números poderiam aumentar cada vez mais, se nas escolas de Educação Básica, houvesse na prática, conteúdos no currículo educacional que abordassem a escolha vocacional dos educandos e os preparassem para o próximo passo ao concluírem os estudos na educação básica.

O que me impulsionou a dar início aos meus estudos em uma universidade foi um convite da minha cunhada para fazermos juntas o curso de Pedagogia. Confesso que não fazia ideia de qual eram as funções que um pedagogo realizava, só conseguia pensar que ser professora da Educação Infantil não era para mim. Mas analisando o valor da mensalidade e pesquisando os campos de atuação do pedagogo me fizeram mudar de ideia.

Então, no ano de 2014, ingresso na Universidade Sumaré na cidade de São Paulo, no curso de Pedagogia, de segunda a quinta-feira, mais algumas disciplinas online, por meio de um programa que oferecia uma porcentagem de desconto no valor da mensalidade, mediante ao pagamento de uma taxa de contribuição.

Para ingressar foi preciso realizar o vestibular, uma prova online, na qual não encontrei nenhuma dificuldade. Já em sala de aula, havia alguns alunos que eu não compreendia como conseguiram realizar a prova, devido a muitas dificuldades para ler, compreender e produzir um texto. Posteriormente aprendi sobre analfabetismo funcional e percebi a relação que tinha com alguns alunos, que conseqüentemente ficavam de dependência (DP), ou seja, o aluno reprovava em uma disciplina, tendo que refazê-la até conseguir a nota necessária para ser aprovado.

Constatei a partir de então, que à educação brasileira possui grandes déficits, principalmente em se tratando de alfabetização, pois o país, não dá conta de tornar o cidadão um leitor crítico e consciente, muitas vezes incapaz de compreender leituras mais complexas. Essas condições nem são percebidas, na maioria das vezes, por quem se encontra nela, pois conseguem realizar leituras simples, do dia a dia, que fazem parte do meio social em que convivem. Entretanto, realizar ações simples, como de preencher uma folha de cheque ou um contrato, torna-se uma tarefa complexa. Na maioria das vezes assinadas sem o conhecimento do seu conteúdo.

Segundo Lorenzo (2007) a Unesco, faz a seguinte menção sobre o termo analfabetismo funcional:

A Unesco define analfabetismo funcional como a situação de instrução de alguém que assina o próprio nome ou é capaz de fazer cálculos simples e ler palavras e frases isoladas, mas não é capaz de interpretar o sentido dos textos, não é capaz de usar a leitura e a escrita para seu desenvolvimento pessoal, nem para fazer frente às suas demandas sociais (LORENZO, 2007, p. 273).

A Universidade Sumaré dividia espaço com um tradicional colégio particular de seguimento católico, presente há 100 anos no bairro do Belém, em São Paulo. Durante o dia eram ministradas as aulas de Ensino Fundamental I, e à noite as salas de aula eram ocupadas pelos estudantes universitários.

As dependências do local eram compostas por salas de aula no andar superior do prédio, na qual em cada sala, a mesa da professora ficava um nível elevado em relação às carteiras dos alunos. Nas portas havia janelas, nas quais, de acordo com alguns professores, esses detalhes caracterizavam-se da época da educação bancária em que o professor depositava seu conhecimento na cabeça dos alunos e suas posturas eram constantemente vigiadas para que a ordem e aos bons costumes fossem sempre mantidos.

O educador Paulo Freire torna-se símbolo e referência para os estudantes de Pedagogia. Conhecer suas obras, descobertas durante o curso de graduação e que sempre são citadas nos trabalhos acadêmicos. Também reconhecido por ser o autor mais citado nos trabalhos de conclusão de cursos, tanto no Brasil como em outros países, pois se enquadra em múltiplos setores educacionais. E sua forma de pensar, transcrita em seus livros, são impossíveis passarem despercebidas por todos que buscam examinar a educação. Todo aspirante a professor que se preze, conhece ou faz menção de conhecer sua obra, a fim de torna melhor sua práxis. Pois, lá no fundo, a principal característica de um estudante de Pedagogia é ser altruísta, ou seja, acreditam que podem cooperar para o desenvolvimento social.

E isso Freire (1996) ensinou com supremacia na citação a seguir:

Embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro (FREIRE, 1996, p. 25).

A mudança que ocorreu nas salas de aula foi à substituição por mesas e cadeiras, mais modernas, o Datashow e o computador que ficava sobre a mesa do professor, sempre a disposição dos mesmos e dos alunos, não existentes nos anos passados. No restante eram mantidas as características antigas do prédio, como a pintura e o piso, preservados, que compunham a história daquele local.

Por se tratar de um colégio católico, continha imagens de santos na entrada e nos corredores, como também uma capela, sempre com o acesso liberado a todos. A sala de informática, biblioteca e secretária tinham seus locais separados da escola. Apesar de ser um prédio antigo, todos os espaços eram devidamente equipados e seguros, tanto para os alunos como para as crianças que ali frequentavam. Era o novo que se misturava com o antigo, e fazer parte das primeiras turmas de graduação daquele colégio me trazia um sentimento feliz.

As características dos alunos do curso de Pedagogia eram bastante divergentes, tendo todas as faixas etárias possíveis, desde um aluno ter 19 anos e outro com 56 anos, mas, a maior parte era composta por alunos do sexo feminino e com idade acima de trinta anos. A maior parte era de mulheres casadas, mães e que estavam à procura de melhor colocação no mercado de trabalho. Contava-se nos dedos a moças que eram solteiras, sem filhos e que moravam com os pais.

Era comum no primeiro dia de aula apresentar-se para a turma, e falar um pouco da sua vida pessoal e o porquê do curso de Pedagogia. Os relatos eram muito parecidos uns dos outros, inicialmente porque gostavam de crianças e amavam a ideia de trabalhar com elas. Ou porque estava à procura de uma profissão, mais estável e sólida, e dessa forma, sair na maioria dos casos de subempregos. Outra característica muito presente na sala de aula era de mulheres constituírem família cedo, ou não possuir condições financeiras para custear os estudos, prorrogando o ingresso na vida universitária. Outras tinham concluído a pouco tempo o Ensino Médio, sendo de forma regular para as mais jovens ou pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) para as estudantes mais velhas. De todo modo, o fator principal constatado, era uma melhor qualificação no mercado de trabalho, independente de idade ou classe social.

Adaptar-se ao sistema de ensino da universidade, não foi tarefa fácil. Eram muitas leituras, conceitos e palavras desconhecidas, seminários, trabalhos acadêmicos, com estruturas totalmente diferentes do que estávamos acostumados a realizar na escola de educação básica. Afora todas essas novidades, também havia disciplinas on-line que foram de início o grande terror de todos, pois ninguém estava acostumado a estudar por plataformas virtuais. Então, aprender a manusear o computador, acessar o portal do aluno, verificar notas e realizar as tarefas pedidas na sala virtual era novidade praticamente para todos, principalmente para quem se

encontrava afastado da escola há alguns anos, como era o meu caso e de tantos outros alunos.

A rotina diária de muitos alunos era outro fator que contribuía para atrapalhar o desenvolvimento na vida acadêmica. A maioria dos alunos vinha de uma longa jornada de trabalho e sofridas horas passadas no transporte público, que resultava em falta de concentração, DPs, cochilos durante as aulas e até mesmo desistência do curso. Acredito que esses fatores contribuía para a redução de números de alunos matriculados a cada semestre. Um dos atrativos oferecidos pelas universidades atualmente, talvez para solucionar esse tipo de problema, é disponibilizar horários flexíveis, aulas semipresenciais e os cursos de Educação a Distância (EaD), uma modalidade de ensino que tem se tornado cada vez mais comum na sociedade contemporânea.

Apesar de todas as dificuldades encontradas nesse novo cenário, consegui boas notas e nenhuma DP, mas continuar os estudos não se tornou possível quando cheguei ao final do 4º semestre, e por problemas financeiros decidi trancar a faculdade. Minha ideia era por um ou dois semestres até conseguir estabilidade e poder retornar sem precisar interromper mais uma vez. Porém, após um semestre afastada da sala de aula, engravidei do meu segundo filho, então decidi retornar aos estudos quando ele tivesse ao menos com um ano de idade. Foram dois longos anos, divididos pela alegria de gerar mais um filho e a tristeza de não estar concluindo minha primeira graduação junto das minhas queridas amigas de sala de aula.

Quando meu filho completou um mês de vida, no ano de 2017, mudamo-nos para a Cidade de Taubaté, para perto dos meus pais, que já moravam na região há alguns anos. Inicialmente nesse período me dediquei aos cuidados da família e do lar.

Os contrastes com a Capital são muitos, não se tem a típica correria da cidade grande, o modo de viver das pessoas é mais tranquilo e simples, são pessoas que valorizam mais o estar com a família, e a violência que tanto apavora a população da capital por aqui parece não existir. Após muitos anos visitando meus pais, mudar-me para a Cidade de Taubaté foi algo totalmente diferente e positivo para a minha vida e da minha família. Apesar das inúmeras vezes que visitei meus pais, não era possível sentir o tamanho da diferença do ritmo de vida no interior. Tudo se revelava diferente, desde um agendamento médico; situações de trânsito;

horário de abertura e fechamento do comércio, como até mesmo as relações e atividades escolares do meu filho mais velho.

Não consegui nem aguardar meu filho completar um ano e retomei meus estudos no início do ano de 2018 na Universidade de Taubaté. Confesso que as condições que me fizeram matricular-me foi o aproveitamento das disciplinas estudadas na Universidade em São Paulo, pois não conhecia nada sobre essa universidade, apenas passava no meu pensamento, que era preciso concluir minha primeira graduação de qualquer maneira. Era possível concluir naquele mesmo ano, e no ano seguinte cumprir algumas disciplinas que ficaram para traz. Porém, minha decisão foi aproveitar que muitas disciplinas foram eliminadas e ir cumprindo as matérias que faltavam dos semestres iniciais e dessa maneira, eu iniciei na faculdade.

A frequência às aulas não era todos os dias, no primeiro semestre, essa forma me possibilitou conciliar os estudos com os cuidados dos meus filhos e do lar. Mas só no primeiro semestre, nos demais, foram aumentando as disciplinas e também comecei a realizar o estágio obrigatório de seis horas por dia. E o único semestre que eu teria que frequentar todas as disciplinas, seria o último.

Frequentar os estudos na universidade de Taubaté me proporcionou outro olhar para a cidade e para o povo Taubateano. Percebo, então, que eu estava frequentando uma das melhores faculdades, se não a melhor da região. Que os alunos do curso de Pedagogia eram na sua maioria de classe média alta. Os professores que pude conhecer são todos de elevadas competências e especialistas ao mesmo tempo simples e gentis. O acolhimento que recebi desde o dia que fui me informar como poderia fazer para retornar meus estudos, é mantido o mesmo, até os dias atuais. Diferente da antiga universidade que frequentei por 4 anos, ninguém, retirando os professores me conhecia pelo nome, éramos todos números de registro acadêmico (RA), tanto que não recebi nenhum retorno da faculdade quando tomei a decisão de parar com o curso, mesmo eu sendo uma aluna frequente e de boas notas.

Situação semelhante vivenciei na Universidade de Taubaté (Unitau), porem certo dia recebo um telefonema na qual, me orientaram a não deixar de comparecer nas aulas, mesmo sem ter realizado a rematrícula. Se não fosse esse telefone eu teria desistido de continuar naquele semestre, e isso resultaria em mais atrasos na minha formação.

Até o 4º semestre a impressão que eu tinha era que o curso estava preparando os alunos apenas para a Educação Infantil, e isso me causava preocupação, pois não era o seguimento que eu pretendia tomar na carreira. Ao me mudar para a universidade de Taubaté, essa impressão foi totalmente transformada. A Educação Infantil passa a não ter tanto destaque quanto aos outros campos de atuação do pedagogo, como o Ensino Fundamental I, Educação para Jovens e Adultos, cargos de Gestores Escolares, como também as áreas que após especialização específica podemos exercer. Exemplos dessas áreas é a Pedagogia Hospitalar, Educação Especial, Pedagogia Empresarial, Carcerária, Social, dentre muitas áreas, abrindo um leque de opções diversas, tornando minha escolha pelo curso de Pedagogia bem sucedida.

Durante o curso uma das disciplinas que me chamam bastante a atenção, foi a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na minha ignorância imaginava que ensinar adultos a ler e escrever seria da mesma maneira que ensinar uma criança. Porém, aprendi que o modo de ensinar os alunos de EJA precisa ser de maneira didática, considerando as experiências de vida de cada aluno, a fim de ofertar um ensino significativo para essas pessoas que não puderam estudar durante a infância e adolescência, e evitar dessa forma, que se repita a evasão escolar, devido a falta de sentir-se pertencente ao sistema educacional. São milhares os desafios, principalmente para professores iniciantes, por ser tratar de salas de aula heterogênea, tanto no sentido de nível de conhecimento como de faixa etária dos educandos.

É Piconez (2013) que novamente vem elucidar,

A adoção de postura metodológica interdisciplinar com estratégias didáticas de interação dinâmica de grupo é relevante para o alcance de competências e habilidades previstas para o desenvolvimento das necessidades básicas de aprendizagem. Não há como desconsiderar, neste desenvolvimento, a natureza da aprendizagem de pessoas jovens e adultas, sabendo-se que muitos desafios existem devido às lacunas e insucessos do processo de escolarização anterior (PICONEZ, 2013, p. 17).

Outro fator importante destacado por Freire (1987) é que a educação é um ato político e emancipatório, e tem o papel de libertar o homem oprimido pela classe dominante, servindo-se de mão-de-obra sem ser dar conta da alienação em que vive. A escola não oferece um estudo que possibilite tal ação, tão pouco subsídios

que permita ao homem alcançar de modo crítico e consciente seu lugar por direito e vontade. Como já vimos, a escola não dispõe de um ensino que prepara e forma o indivíduo, ao contrário, a educação tradicional contribui para a opressão na vida dos educandos. Desta forma cabe tanto para a EJA como para todas as demais áreas educacionais, dispor de um ensino integral para dos os sujeitos.

Um fato que me causou muita estranheza foi eu ter passado a ser a aluna mais velha da turma, pois praticamente todas eram alunas que acabaram de concluir o Ensino Médio e entraram direto para a faculdade, algumas meninas era impossível imaginar sequer serem maiores de dezoito anos. Isso não era algo que ocorria apenas no curso de Pedagogia, era predominante em todos os outros cursos da universidade e dos jovens da região. Muito contrário da realidade que eu até então conhecia, era raro ver alguém acabar de concluir a Educação Básica e ingressar direto em uma Universidade, isso só acontecia nas classes de renda média e alta.

O curso de pedagogia ficava em um prédio histórico, que estava tombado e precisando de alguns reparos, então no ano de 2019 o curso migra de volta para o prédio de Letras e de Ciências Sociais, outro prédio que também era tombado, uma construção imponente do século XIX que sempre manteve suas funções ligadas com a área da Educação.

A universidade Taubaté, possui uma tradição e reconhecimento muito forte na Cidade. E seu nome é notável em muitas cidades da região.

Confesso que aprendi muito durante as aulas do curso de Pedagogia. Aprimorei alguns conhecimentos e passei a olhar com outros olhos para a disciplina de Matemática, por exemplo. Carregava um trauma desde os anos iniciais da Educação Básica, por não ter tido bom desempenho durante toda minha passagem pelo Ensino Regular. E hoje posso dizer que é umas das disciplinas mais interessantes que descobri na grade curricular do curso. Grande parte das dificuldades que eu encontrei talvez pudesse ter outro contexto, se eu tivesse encontrado professores mais preparados e que transmitissem aos alunos não somente regras e normas, mas significado para o aprendizado, com intuito de torna prazeroso e significativo o ensino.

Durante minha experiência no estágio na Educação Fundamental, pude ver com mais clareza os aprendizados que recebi durante o curso, como é importante se pôr no lugar do educando e tentar analisar as situações sobre a perspectiva do olhar da criança.

Não há sala de aula homogênea, mas heterogênea, com indivíduos únicos, com suas características e particularidades, de diferentes contextos étnicos, sócias e culturais. A rotina diária do estágio me permitiu viver de perto o ensino que estudei na faculdade, situações já esperadas e outras inusitadas que nos levam a reflexão de qual melhor caminho tomar.

Após algumas semanas no estágio já foi possível se sentir pertencente aquele lugar. O envolvimento com as crianças e poder auxiliar e ver o avanço das crianças foi muito gratificante.

Também foi possível observar e confirmar o que muitos especialistas apontam. Milhares de crianças e jovens nos anos iniciais e finais do Ensino fundamental I, não fazem ideia do porque estão ali e qual a importância dos estudos para suas vidas. As instituições escolares não apresentam oportunidades para compreensão de tal importância, assim como falta estimulação das experiências e das habilidades dos educandos, a qual favorece e permite a tomada de consciência para o que de fato é importante para o momento. Um exercício a respeito de pensar-se como é necessário em todos os campos da educação.

O curso de pedagogia mudou meu olhar e forma de pensar sobre muitas coisas, que nem imaginei que se englobava no curso, mas, isso demonstra como os campos pertencentes à educação vão muito além dos que imaginamos quando estamos na posição de estudantes.

Hoje me sinto um pouco mais preparada para entrar nesse universo tão lindo e extenso, e sem sobra de dúvida carente de melhores condições e profissionais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste Memorial permitiu-me aprender, pelas vias da minha história de vida e formação, que o professor precisa aprender a acreditar no potencial ilimitado do ser humano e, no caso da educação escolar, esperar sempre o melhor dos alunos oferecendo-lhes o melhor de si mesmo, pois esse é o caminho para o ensino e aprendizagem exitosos.

Aprendi que desenvolver essa consciência é conseguir ensinar muito mais do que uma matéria ou disciplina contem, porque professores abrem mentes e formam vidas e não apenas ensinam conteúdos preestabelecidos nos planos e programas oficiais.

Buscar compreensão e apoio nos colegas professores é outro caminho para a melhoria da qualidade do ensino que é árduo e exigente, mas, por outro lado, permite extrair o melhor dos alunos, como já dito.

Aprendi também que ensino de valores requer ações e atitudes sinceras, justas e íntegras do professor antes de qualquer outro recurso pedagógico. Acolhimento, respeito, o bom uso do poder na sala de aula são princípios fundamentais à formação para a cidadania e a convivência humana.

A pesquisa do cotidiano nos remete ao pensamento platônico que considera que “o verdadeiro saber tem na alma a sua moradia”.

Desde o início do curso de Pedagogia tenho a preocupação de descobrir como buscar esse saber nos alunos da Educação Básica.

Nesse sentido, posso afirmar que os estudos, as leituras teóricas e as práticas vividas no processo de formação aqui constam na Universidade Taubaté muito me fez amadurecer para dar conta dessa compreensão, apesar das dificuldades que enfrentei e enfrento para alcançá-la.

Elaborar esse Memorial me permitiu obter uma visão entre passado-presente-futuro da minha vida, percorridas entre infância e educação básica até a graduação, mesmo que tardia, me auxiliou na reflexão que esses processos significaram para a formação da pessoa que sou hoje. Essa longa jornada, foi necessária para me conscientizar que todas as aprendizagens adquiridas ao longo da minha vida, não se deram sozinhas, mas sobre a orientação e supervisão de muitos, a quem serei eternamente grata.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul./dez. 2002, p. 84-135.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.
- BRASIL, RCNEI. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil v.1**, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 01 dez. 2019.
- BRASIL, RCNEI. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil v. 3**, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.
- ERDMANN, Alacoque Lorenzini. A importância da publicação científica no contexto acadêmico. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 6, n. 2, 2016.
- FERREIRA, Marcos Felipe. **O curso de pedagogia: perfil de ingresso, inserção profissional e promoção social**. 2014. 158 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GODOY, Roberto. **Memória**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/corpo-humano/memoria/>. Acesso em: 01 fev. 2019.
- GOHN, Maria Glória de; STAVRACAS, Isa. O papel da música na Educação Infantil. **Eccos Revista Científica**, v. 12, n. 2, p. 85-103, 2010.
- GOMES, Jerusa Vieira. Relações família e escola-continuidade/descontinuidade no processo educativo. **Série Ideias**, v. 16, p. 84-92, 1993. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_16_p084-092_c.pdf. Acesso em: 16 dez. 2019.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Memorial de Formação–Registro de um percurso**. 2013. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf. Acesso em: 05 mar. 2019.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 4, p. 93-102, 2004.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

JUSTO, Wellington Ribeiro; SILVEIRA NETO, Raul da Mota. O que determina a migração interestadual no Brasil?: um modelo espacial para o período 1980-2000. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 39, n. 4, p. 428-447, 2008. Disponível em: <https://ren.emnuvens.com.br/ren/article/viewFile/486/388>. Acesso em: 20 set. 2019.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**, v. 37, n. 1, p. 69-86, 2011. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

LOPES, C. Soberania nacional e execuções sumárias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 6 nov. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0611200310.htm>. Acesso em 30 nov. 2019.

LORENZO, Cláudio. O consentimento livre e esclarecido e a realidade do analfabetismo funcional no Brasil: uma abordagem para a norma e para além da norma. **Revista Bioética**, v. 15, n. 2, p. 268-282, 2007.

MARIANO, Maria do Socorro Sales; MUNIZ, Hélder Pordeus. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 1, p. 76-88, 2006.

MARINELLI, Edson Bastos. A saga do migrante nordestino em São Paulo. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 2, n. 1, p. 03-17, 2007.

MARTINE, G. (ed.); Ojima, R. (org.) (org.). **População, meio ambiente e desenvolvimento: verdade e contradições.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

MOURA JUNIOR, James Ferreira et al. Práxis em psicologia comunitária: Festa de São João como atividade comunitária. **Revista Ciência em Extensão**, v. 9, n. 1, p. 105-123, 2013. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/744/80. Acesso em: 16 dez. 2019.

PERILLO, Sonia Regina. Novos caminhos da migração no Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 10, n. 2, p. 73-82, 1996.

PICONEZ, Stela. **Reflexões Pedagógicas sobre o ensino e aprendizagem de pessoas jovens e adultas**. São Paulo: SESP, 2013.

PITANO, Sandro Castro. A educação problematizadora de Paulo Freire, uma pedagogia do sujeito social. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 87-104, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/43774>. Acesso: 15 out. 2019.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação**. Campinas, 2005.

Disponível em:

https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 1991.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. São Paulo: Globo Livros, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, n. 25, jan./abr. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-147.

SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. Cadernos de pesquisa: fundação Carlos Chagas, n. 104, jul. 1998, p. 58-75.

SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/agosto 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a01v21n2.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2019.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos avançados**, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.